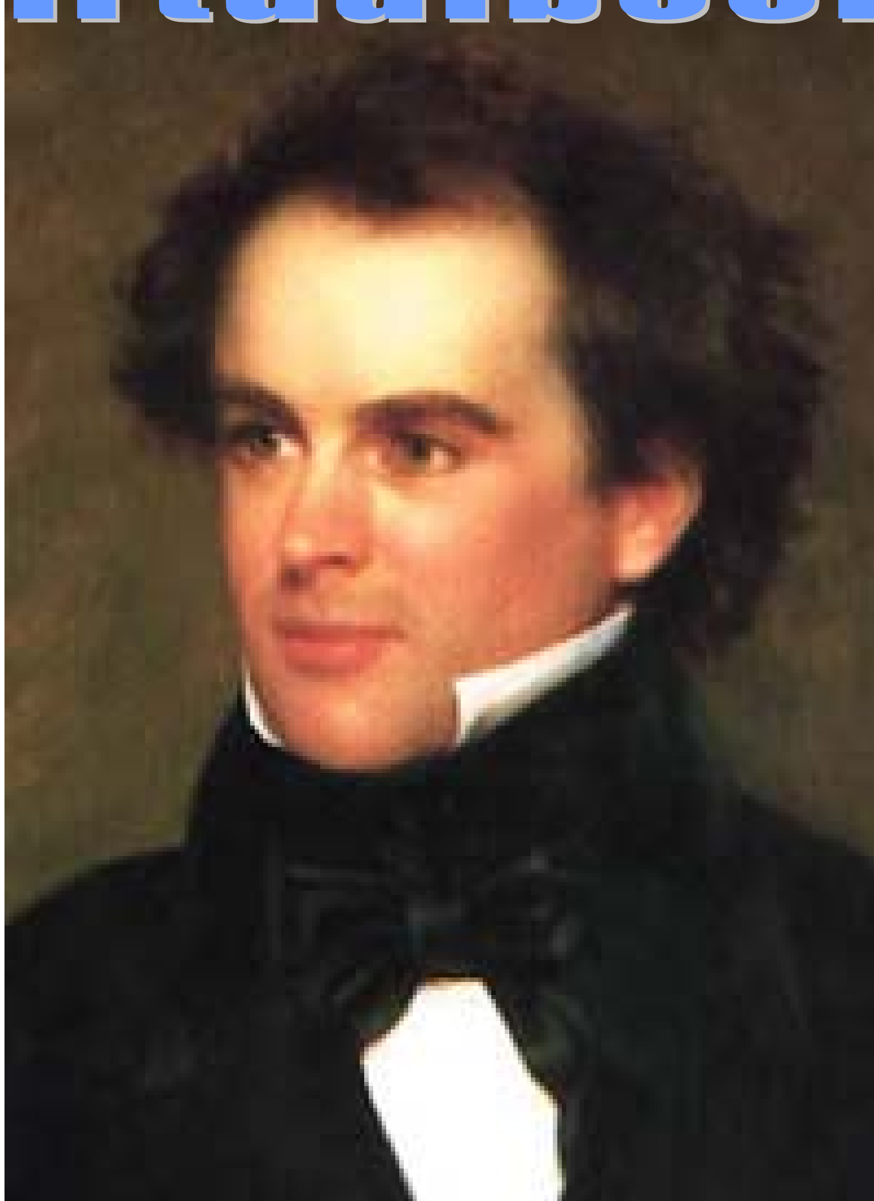
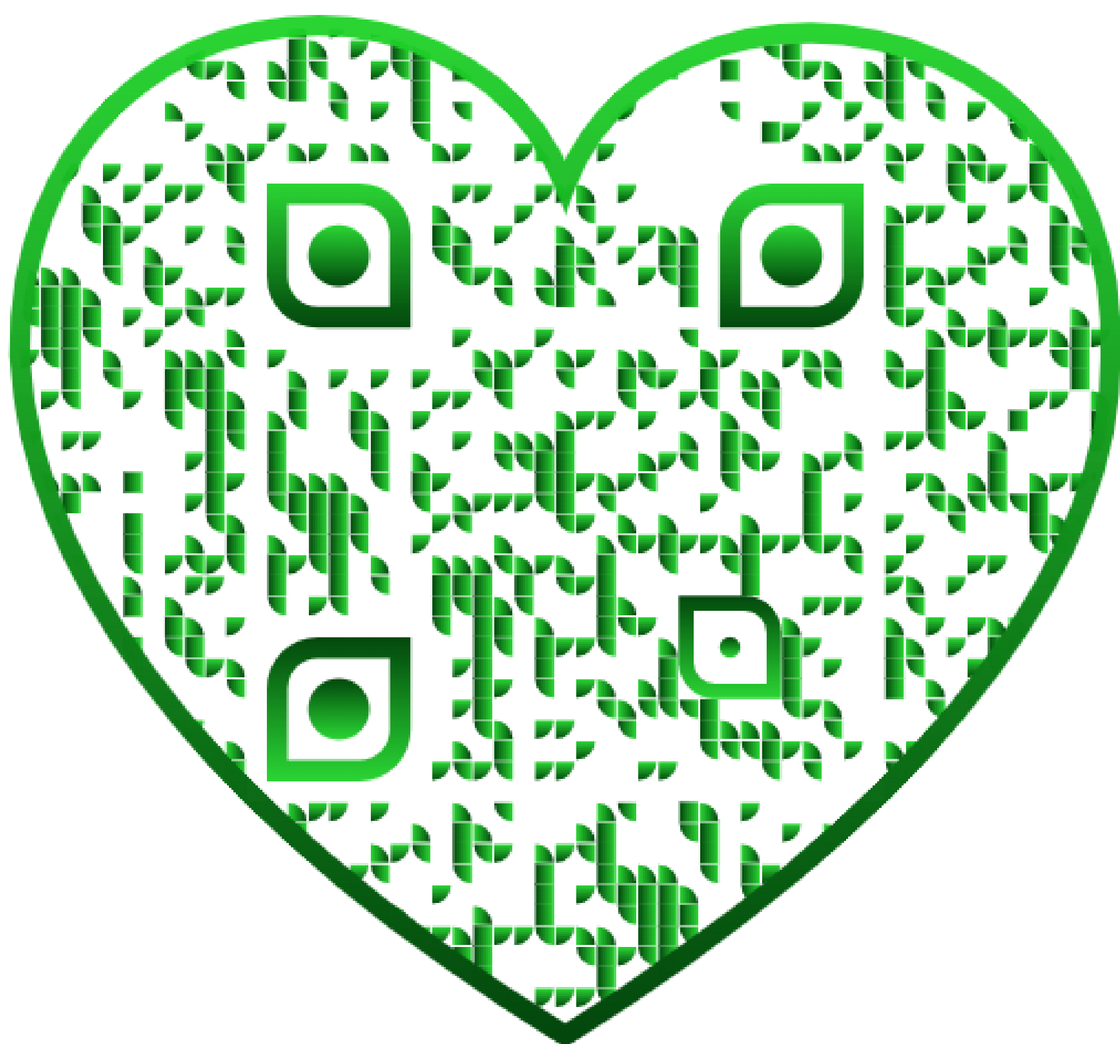
Biblioteca Virtualbooks



O CRIME

NATHANIEL HAWTHORNE



Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.virtualbooks.com.br/

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG
Todos os direitos reservados. All rights reserved.

O CRIME

Um jovem vendedor ambulante de tabaco partira de Morristown, onde realizara grandes negócios com o diácono da colônia religiosa dos Shakers, e dirigia-se para a aldeia de Parker's Falls, no rio Salmão. Tinha uma elegante charrete pintada de verde, com uma caixa de charutos de cada lado, e atrás um chefe índio segurando um cachimbo e uma haste dourada de tabaco. O bufarinheiro montava uma égua pequena e bonita; era um rapaz de excelente caráter, esperto para o negócio, gozava de grande simpatia entre os ianques que, conforme eles próprios me disseram, antes queriam ser barbeados com uma navalha afiada do que com uma embotada. Era particularmente querido das raparigas bonitas de todo o Connecticut, cujos favores costumava aliciar oferecendo-lhes presentes do melhor tabaco da sua mercadoria, pois sabia que as camponesas da Nova Inglaterra são, na generalidade, grandes apreciadoras de cachimbo. Além disso, como veremos no decorrer da história, o bufarinheiro era curioso e um pouco tagarela, ardendo por saber novidades e ansiando por espalhá-las.
Depois de tomar o pequeno-almoço muito cedo em Morristown, o vendedor de tabaco, de nome Dominicus Pike, percorrera sete milhas através de uma solitária região de bosques, sem trocar uma palavra com ninguém a não ser consigo próprio e com a sua pequena égua cinzenta. Eram quase sete horas e sentia-se tão desejoso de ouvir uma novidade recente como um lojista da cidade de ler o seu matutino. Pareceu surgir-lhe uma oportunidade quando, depois de ter acendido um charuto com uma lente, ergueu os olhos e avistou um homem que transpunha o alto da colina, no sopé da qual parara a sua carroça verde. Dominicus observou-o enquanto ele descia e notou que caminhava com um passo fatigado, embora decidido, trazendo aos ombros uma trouxa amarrada na extremidade de um pau. Não parecia ter partido ao romper da manhã, mas caminhara toda a noite e tencionava percorrer outro tanto durante todo o dia.
- Bons dias, senhor - disse Dominicus quando o outro se aproximou o suficiente para o poder ouvir. - Vai a andar bem! quais são as últimas novidades em Parker's Falls?

O homem puxou a aba do chapéu cinzento para os olhos e retorquiu, um tanto desabridamente, que não vinha de Parker's Falls, lugar que o bufarinheiro mencionara por ser a próxima etapa da sua jornada desse dia.
- Pois então - tornou Dominicus Pike -, conte lá as últimas novidades do sítio de onde vem. Não tenho nenhum interesse especial por Parker's Falls. Qualquer lugar serve.
Assim importunado, o viajante, um sujeito muito mal encarado para se desejar encontrá-lo num lugar solitário como aquele, pareceu hesitar um pouco, como se rebuscasse a memória à procura de alguma novidade ou estivesse a decidir da conveniência de a contar. Por fim, trepando ao estribo da carroça, segredou ao ouvido de Dominicus, embora pudesse ter gritado bem alto, pois nenhum outro mortal o teria ouvido:
- Recordo-me de uma novidade insignificante disse ele. - O velho Sr. Higginbotham, de Kimballton, foi assassinado no seu pomar, a noite passada, às oito horas, por um irlandês e um negro. Penduraram-no no ramo de uma pereira, onde apenas o encontraram de manhã.
Depois de transmitir a notícia horrível, o desconhecido retomou o seu caminho com mais pressa do que nunca, sem mesmo voltar a cabeça quando Dominicus o convidou a fumar um charuto espanhol e a relatar todos os pormenores. O bufarinheiro assobiou à égua e começou a subir a colina, meditando no triste fim do Sr. Higginbotham, que conhecera nas suas transações e a quem vendera grandes quantidades de tabaco de várias espécies e qualidades. Estava bastante espantado com a rapidez da propagação da notícia. Kimballton ficava a quase sessenta milhas de distância em linha reta. O crime fora cometido apenas às oito horas da noite anterior, e, no entanto, Dominicus soubera dele às sete da manhã, quando muito provavelmente a família do pobre Sr. Higginbotham tinha acabado de descobrir o corpo pendurado na pereira. O desconhecido devia ter rompido umas botas de sete léguas para percorrer tal distância.
«Dizem que as más notícias andam depressa - pensou Dominicus Pike -; mas esta andou mais depressa que um comboio. O tipo devia ser contratado para entregar mensagens do Presidente.»
Resolveu a dificuldade imaginando que o narrador errara um dia na data do acontecimento. E assim o nosso amigo não hesitou em relatar a história em todas as tabernas e lojas de aldeias ao longo da estrada, distribuindo um molho inteiro de cigarrilhas espanholas a vinte auditórios horrorizados, pelo menos. Verificou invariavelmente ser o primeiro portador da notícia e foi tão crivado com perguntas, que não pôde evitar preencher as lacunas da

tragédia até se tornar uma narrativa absolutamente convincente. Houve um fato que veio corroborar a história. O Sr. Higginbotham era um negociante, e um seu antigo empregado a quem Dominicus relatou os fatos confirmou que o velho costumava regressar a casa através do pomar, ao anoitecer, trazendo no bolso o dinheiro e os papéis de valor da loja. O empregado não se mostrou contristado pelo que sucedera ao Sr. Higginbotham, dando a entender aquilo que o bufarinheiro havia também descoberto nas suas transações com ele, isto é: que se tratava dum velho rabugento e muito sovina. A sua fortuna seria herdada por uma sobrinha muito bonita, presentemente diretora duma escola em Kimballton.
Dominicus atrasou-se tanto a contar a novidade a bem do público e a fazer bom negócio para seu próprio lucro, que decidiu passar a noite numa taberna, a cinco quilômetros de Parker's Falls. Depois da ceia, acendendo um dos seus melhores charutos, foi sentar-se na sala do bar e começou a contar a história do crime, já tão aumentada que lhe levou meia hora a relatá-la. Havia cerca de vinte pessoas na sala, dezenove das quais a acreditaram piamente. Mas a vigésima era um velho camponês que chegara a cavalo pouco tempo antes e estava agora sentado a um canto, a fumar cachimbo. Quando o relato terminou, ergueu-se deliberadamente, puxou a cadeira mesmo para a frente de Dominicus e olhou-o bem de frente, soprando o fumo do tabaco mais reles que o bufarinheiro alguma vez aspirara.
- Será capaz de fazer uma declaração sob juramento - perguntou ele em tom de oficial de justiça que procedesse a um interrogatório - em como o velho «Squire» Higginbotham de Kimballton foi assassinado a noite passada, no seu pomar, e encontrado pendurado na sua grande pereira, ontem de manhã?
- Conto a história como ma contaram a mim, senhor - respondeu Dominicus, deixando cair o charuto meio fumado -; eu não disse que presenciara a cena. Por isso, não posso jurar que ele tenha sido assassinado exatamente daquela maneira.
- Mas posso eu jurar - retorquiu o lavrador que, se o «Squire» Higginbotham foi morto a noite passada, então tomei uma bebida com o fantasma dele esta manhã. Ele é meu vizinho, e esta manhã, quando eu passava frente à sua loja, chamou-me e ofereceu-me uma bebida, pedindo-me depois que lhe fizesse um favor no caminho. Não me pareceu que soubesse mais acerca do seu assassinato do que eu.
- Então não pode ser verdade! - protestou Dominicus Pike.
- Parece-me que ele se havia de referir a isso, se o fosse - disse o velho lavrador. E tornou a levar a cadeira para o seu canto, deixando Dominicus muito abatido.

Que infeliz ressurreição a do Sr. Higginbotham! O bufarinheiro não teve mais coragem para tomar parte na polêmica, mas consolou-se com um copo de genebra e foi para a cama, sonhando toda a noite com enforcamentos numa pereira. Para evitar encontrar-se com o velho lavrador, que detestava deveras e com prazer veria enforcado em lugar do Sr. Higginbotham, Dominicus levantou-se antes do romper do dia, atrelou a égua à carroça verde e partiu a toda a brida para Parker's Falls. A brisa fresca, a estrada orvalhada e a maravilhosa aurora do verão levantaram-lhe o moral, e tê-lo-iam encorajado a repetir a velha história se houvesse alguém acordado para o escutar. Mas não encontrou nenhuma junta de bois, nenhuma caravana, nenhum cavaleiro nem caminhante, até que, quando atravessava o rio Salmão, surgiu um homem que descia a custo para a ponte, com uma trouxa aos ombros, atada na extremidade de um pau.

- Bons dias, senhor - saudou o bufarinheiro, puxando as rédeas à égua. - Se vem de Kimballton ou das proximidades, talvez me saiba dizer o que se passa de verdade com o caso do Sr. Higginbotham. É verdade que o velho foi realmente assassinado há duas ou três noites por um irlandês e um negro?

Dominicus falara com demasiada precipitação para reparar logo que o desconhecido tinha grande percentagem de sangue negro. Ao ouvir esta pergunta súbita, o mulato pareceu mudar de cor, tornando-se, de amarelado que era, em horrivelmente branco, ao mesmo tempo que, tremendo e gaguejando, replicou:

- Não! Não! Não havia nenhum homem de cor! Foi um irlandês que o enforcou a noite passada, às oito horas. Eu parti às sete horas. A família dele ainda o não deve ter encontrado no pomar.

O mulato não acabara ainda de falar quando se interrompeu e, embora antes parecesse muito fatigado, continuou o seu caminho a uma velocidade tal, que teria obrigado a égua a trotar para conseguir acompanhá-lo. Dominicus, muito admirado, partiu atrás dele. Se o crime não fora cometido antes da noite de terça-feira, quem seria então o profeta que o predissera na manhã desse mesmo dia? Se o cadáver do Sr. Higginbotham não fora ainda descoberto pela própria família, como poderia o mulato, a cerca de trinta quilômetros de distância, saber que estava enforcado no pomar, especialmente dada a circunstância de ter deixado Kimballton antes que o desgraçado fosse pendurado? Estes pormenores tão ambíguos, aliados à surpresa e ao terror demonstrados pelo desconhecido, fizeram com que Dominicus pensasse em gritar por socorro, para o deterem como cúmplice do crime, visto que parecia, na realidade, ter sido cometido um crime.

«Deixemos fugir o pobre diabo - pensou o bufarinheiro. - Não quero tingir as minhas mãos com o seu sangue negro, e, além disso, o seu enforcamento já não alivia o *enforcamento* do Sr. Higginbotham. Dependure antes o velhote. Bem sei que é pecado, mas não me agradaria nada que ele ressuscitasse para me chamar mentiroso!»

Com estes pensamentos entrou Dominicus Pike na rua principal de Parker's Falls que, como toda a gente sabe, é uma aldeia tão próspera quanto a podem tornar três fábricas de algodão e uma fiação. As máquinas ainda não estavam a trabalhar e apenas umas quantas portas de lojas se encontravam já destrancadas, quando se apeou na cavalariça da taberna. Ali, a primeira coisa que fez foi mandar dar à égua quatro rações de aveia; a segunda, claro está, foi contar ao moço de estrebaria o assassinato do Sr. Higginbotham. No entanto, achou prudente não se mostrar muito positivo quanto à data do possível acontecimento e fingir ignorar se fora cometido por um irlandês e um mulato, ou somente pelo filho da Irlanda. Também não declarou ser o relato da sua própria autoria ou da de qualquer outra pessoa, mas apresentou-o simplesmente como uma notícia espalhada por toda à parte.

A história alastrou pela cidade como fogo numa floresta e tornou-se de tal modo o assunto de todas as conversas, que já ninguém sabia dizer de onde partira. O Sr. Higginbotham era tão conhecido em Parker's Falls como se de lá fosse natural, pois tratava-se dum dos donos da fiação e dum importante acionista das fábricas de algodão. Os habitantes consideravam que a sua própria prosperidade podia ser influenciada pelo destino daquele homem. Gerou-se uma tal agitação, que o jornal de Parker's Falls antecipou o seu dia de publicação normal e foi posto à venda com meia folha de papel a uma coluna com letras de corpo duplo, ainda destacadas por maiúsculas, e com um cabeçalho onde se lia: **O horrível assassinato do Sr. Higginbotham!** Entre outros pormenores macabros, a notícia descrevia a marca deixada pela corda no pescoço do defunto e revelava a quantia de milhares de dólares que lhe haviam roubado; trazia ainda uma descrição patética do desgosto da sobrinha, que sofria desmaios consecutivos desde que o cadáver fora descoberto pendurado na pereira, com as algibeiras viradas do avesso. O poeta da aldeia também cantou a dor da jovem numa balada com dezessete estâncias. Os cidadãos principais tiveram uma reunião e, tendo em conta os direitos do Sr. Higginbotham na cidade, resolveram mandar afixar cartazes oferecendo uma recompensa de quinhentos dólares pela captura dos assassinos e a recuperação dos valores roubados.

Entretanto toda a população de Parker's Falls, constituída por lojistas, donas de pensões, empregados de fábricas, moleiros e rapazes da escola, corria para a rua fazendo tamanha algazarra, que compensava amplamente o silêncio das máquinas das fábricas que refreavam o seu ruído habitual em sinal de respeito pelo falecido. Se o Sr. Higginbotham se importasse com a sua celebridade póstuma, decerto que o seu espírito exultaria no túmulo. O nosso amigo, todo orgulhoso, esqueceu as suas precauções e anunciou-se como o portador da notícia que causara tamanha sensação. Tornou-se imediatamente o herói do momento e principiava uma nova versão da narrativa com uma voz semelhante à de um pregador quando apareceu a carruagem do correio. Viajara durante toda a noite e devia ter mudado de cavalos em Kimballton, às três da madrugada.
- Agora vamos saber todos os pormenores - gritou a multidão.
A carruagem ribombou pela rua da taberna, perseguida por umas mil pessoas, pois se houvera alguém que até aí continuara a sua vida, abandonou então tudo para ouvir as notícias. O bufarinheiro, que na corrida chegara à frente de todos, descobriu dois passageiros que, despertados de uma soneca confortável, se acharam repentinamente no meio de uma multidão. Como toda a gente os assaltasse simultaneamente com as mais variadas perguntas, o par ficou calado de assombro, apesar de um deles ser um advogado e o outro uma jovem senhora.
- O Sr. Higginbotham! O Sr. Higginbotham! Contem-nos os pormenores acerca do Sr. Higginbotham! - gritava a multidão.- Qual foi o veredicto do oficial de justiça? Os assassinos foram presos? A sobrinha do Sr. Higginbotham já recobrou os sentidos? O Sr. Higginbotham!...
O cocheiro não articulou palavra, a não ser para praguejar contra o moço da estrebaria por não lhe trazer a muda de cavalos. O advogado era uma pessoa que nunca perdia a serenidade, mesmo quando dormia. A primeira coisa que fez mal soube a causa do alvoroço foi sacar de uma grande bolsa encarnada. Entretanto, Dominicus Pike, um jovem extraordinariamente delicado e pensando que uma língua feminina seria capaz de contar a história tão fluentemente como um advogado, ajudara a senhora a descer da carruagem. Era uma rapariga bonita e elegante, já completamente acordada e fresca como um botão-de-rosa; possuía uma boca tão doce e adorável, que Dominicus teria preferido ouvi-la contar uma história de amor a ouvi-la narrar um crime.
- Senhoras e senhores - disse o advogado, dirigindo-se aos lojistas, aos moleiros e às empregadas das fábricas -, posso garantir-lhes que foi uma confusão inexplicável que originou este tumulto

singular, ou, mais provavelmente ainda, uma propositada mentira maldosamente inventada para prejudicar os créditos do Sr. Higginbotham. Nós passamos por Kimballton às três da madrugada e com certeza teríamos sabido do assassínio, se algum houvesse sido perpetrado. Mas possuo provas em contrário, quase tão fortes como o próprio testemunho oral do Sr. Higginbotham. Aqui está um papel relacionado com um pleito dele nos tribunais de Connecticut, que me foi entregue pelo próprio. Tem a data das dez horas da noite passada.

E, assim falando, o advogado exibiu a data e a assinatura do papel, as quais provavam irrefutavelmente que ou o teimoso Sr. Higginbotham estava vivo quando a escreveu ou, como havia quem pensasse ser mais provável, achava-se tão absorvido com os negócios deste mundo, que continuava a tratar deles mesmo após a sua morte. Surgiu então mais uma prova inesperada. A jovem, depois de ouvir a explicação do bufarinheiro, aproveitou um momento para alisar o vestido e compor os cabelos, e por fim surgiu à porta da estalagem, fazendo um sinal tímido para ser escutada.

- Boa gente - disse ela -, sou a sobrinha do Sr. Higginbotham.

Um murmúrio de espanto percorreu a multidão, ao contemplá-la tão rosada e fresca. Aquela era a tal sobrinha desafortunada que eles, dando crédito ao jornal de Parker's Falis, supunham às portas da morte com um ataque. Alguns espertalhões tinham sempre duvidado que uma jovem se sentisse tão desesperada com a morte de um tio velho e rico.

- Bem vêem - continuou a menina Higginbotham, com um sorriso-, quanto a mim, esta história não tem qualquer fundamento. E creio poder afirmar o mesmo em relação ao meu querido tio Higginbotham. Ele tem a bondade de me alojar em sua casa, embora, lecionando, eu contribua para o meu sustento. Parti de Kimballton esta manhã, para passar o feriado com uma amiga que vive a cerca de cinco quilômetros de Parker's Falls. O meu generoso tio, quando me ouviu descer as escadas, chamou-me à cabeceira e deu-me dois dólares e meio para pagar o bilhete da diligência, e mais um dólar para as minhas despesas extraordinárias. Depois tornou a meter a bolsa debaixo do travesseiro, apertou-me a mão e recomendou-me que levasse alguns biscoitos no saco, em vez de tomar o pequeno-almoço no caminho. Tenho, portanto, a certeza de que deixei o meu querido parente com vida e espero encontrá-lo assim no meu regresso.

A jovem cumprimentou os circunstantes no final do seu discurso, tão sensato, correto e dito com tanta graça e propriedade, que toda a gente a achou digna de dirigir a melhor escola do estado.

Um forasteiro, contudo, teria pensado que o Sr. Higginbotham não gozava de quaisquer simpatias em Parker's Falls, e que fora anunciada uma ação de graças pela sua morte, tão grande foi a ira dos habitantes ao saberem do engano! Os moleiros resolveram prestar honras públicas a Dominicus Pike, hesitando apenas entre besuntá-lo de alcatrão, cobri-lo de penas e pendurá-lo num poste ou refrescá-lo com uma ablução no poço da cidade, no cimo do qual ele se declarara o portador da notícia. Os cidadãos mais importantes, aconselhados pelo advogado, falavam em processá-lo pelo delito de fazer circular notícias infundadas, para grande prejuízo da paz da comunidade. A única coisa que salvou Dominicus, quer da justiça da multidão, quer da justiça do tribunal, foi o apelo eloqüente que a jovem fez em sua defesa. Dirigindo algumas palavras de sentida gratidão à sua benfeitora, ele subiu para a carroça verde e partiu da cidade, sob uma descarga de artilharia dos rapazes da escola, que encontraram abundância de munições nas minas de argila e nos buracos lamacentos das proximidades. Ao voltar a cabeça para trocar um olhar de despedida com a sobrinha do Sr. Higginbotham, uma bola com a consistência de um pudim atingiu-o na boca, dando-lhe um aspecto bastante horrendo. Todo ele ficou tão salpicado dos projeteis imundos, que quase esteve a voltar para trás para lhes suplicar o banho no reservatório de água da cidade com que o ameaçaram porque, embora então não tivessem uma intenção bondosa, agora isso representaria um ato de caridade.
No entanto, o sol envolveu o pobre Dominicus, e a lama, emblema de um opróbrio imerecido, foi facilmente retirada depois de seca. De temperamento folgazão, depressa se recompôs e não conseguiu reprimir uma gargalhada gostosa ao recordar o tumulto que a sua história originara. Os cartazes mandados afixar pelos cidadãos importantes ocasionariam a prisão de todos os vagabundos da cidade; a notícia do jornal de Parker's Falls seria reproduzida, do Maine à Florida; e talvez aparecesse mesmo uma pequena notícia nos jornais londrinos. Muitos avarentos tremeriam de receio pelos seus sacos de dinheiro e pelas suas vidas, ao saberem do assassinato do Sr. Higginbotham. O bufarinheiro relembrou com fervor os encantos da jovem professora e jurou para consigo que nem Daniel Webster falaria melhor ou se assemelharia mais a um anjo do que a menina Higginbotham, ao defendê-lo da irascível população de Parker's Falls.
Dominicus chegou, por fim, à estrada de Kimballton, decidindo pelo caminho visitar aquela terra, embora se estivesse a desviar da passagem mais direta para Morristown. Ao aproximar-se do local do suposto crime, continuava a revolver em pensamento todas as

circunstâncias, e estava espantado com a gravidade que o caso assumira. Se nada houvesse ocorrido que viesse corroborar a história do primeiro viajante, poder-se-ia tê-la considerado como um simples boato. Mas o mulato conhecia, evidentemente, quer a história quer o fato em si, e havia qualquer mistério no seu ar assustado e culpado ao ser interrogado abruptamente. Quando a esta singular combinação de elementos se acrescentou que o rumor se adaptava exatamente à personalidade do Sr. Higginbotham e aos seus hábitos, e que, de fato, ele possuía um pomar com uma pereira, próximo da qual se demorava sempre ao cair da noite, as provas circunstanciais pareciam tão fortes que Dominicus duvidava se o autógrafo apresentado pelo advogado e até mesmo o testemunho direto da sobrinha possuiriam força equivalente. Procedendo a um inquérito cauteloso, ao longo do caminho, o bufarinheiro veio a saber depois que o Sr. Higginbotham tinha ao seu serviço um irlandês de caráter suspeito, que ele contratara sem informações, por um motivo de economia.
- Que eu próprio seja enforcado - exclamou Dominicus Pike em voz alta, ao chegar ao cimo de uma colina solitária - se acreditar que o velho Higginbotham não está enforcado, até o ver com os meus próprios olhos e ouvi-lo falar com a sua própria boca! E já que é tão brincalhão, procurarei o prior ou qualquer outro homem responsável para me servir de testemunha.
Escurecia já quando chegou à casa do coletor da barreira-de-pedágio da estrada de Kimballton, que ficava a cerca de um quarto de quilômetros da aldeia com o mesmo nome. A égua ia ganhando terreno a um cavaleiro que atravessou a cancela, alguns passos à sua frente, acenando para o guarda e prosseguindo o seu caminho em direção à aldeia. Dominicus conhecia o guarda e, enquanto este fazia o troco, cruzaram-se entre ambos os habituais comentários sobre o tempo.
- Suponho - disse o bufarinheiro, erguendo o chicote para o deixar cair ao de leve sobre os flancos da égua - que não tem visto o velho Sr. Higginbotham, de há dois ou três dias para cá.
- Vi, sim - respondeu o guarda. - Atravessou a cancela, mesmo à sua frente, e acolá vai ele, se o consegue enxergar nesta escuridão. Foi a Woodfield esta tarde para assistir ao leilão do xerife. O velho costuma dar-me um aperto de mão e dois dedos de conversa, mas esta noite apenas me baixou a cabeça, como se dissesse: «Receba o meu pedágio». E continuou a trote, porque, aonde quer que vá, tem sempre de estar em casa às oito horas.
- Assim me disseram - tornou Dominicus.
- Nunca vi um homem mais pálido e magro do que o Squire - continuou o guarda. - Esta noite disse para comigo que parece

mais um fantasma ou uma múmia velha do que uma pessoa de carne e osso.
O bufarinheiro perscrutou a escuridão e distinguiu a custo um cavaleiro, agora já bastante distanciado, que seguia pela estrada em direção à aldeia. Julgou reconhecer as costas do Sr. Higginbotham, mas através das sombras crepusculares no meio do pó levantado pelas patas do cavalo a silhueta parecia confusa e imaterial, como se o corpo do misterioso velho fosse formado indistintamente por negrume e luz cinzenta. Dominicus teve um arrepio.
«O Sr. Higginbotham regressou do outro mundo pelo portão de Kimballton» - pensou.
Sacudiu as rédeas e seguiu em frente, conservando sempre a mesma distância da sombra cinzenta e encurvada, até que esta se escondeu numa curva do caminho. Ao atingir este ponto já não avistou o homem a cavalo, mas encontrou-se no começo da rua da aldeia, não muito distante de algumas lojas e de duas tabernas agrupadas em torno do campanário da igreja. À sua esquerda ficava uma parede de pedra e um portão, que vedavam um terreno onde havia um pomar; um pouco mais longe, um campo de feno, e por fim, uma casa. Era a propriedade do Sr. Higginbotham, cuja habitação ficava à beira da estrada velha, mas que a estrada de Kimballton tornara recuada. Dominicus conhecia o local, e a égua deteve-se por instinto, pois ele não se apercebera de puxar as rédeas.
- Por meu bem, não posso passar este portão! - disse ele a tremer.
- Nunca mais terei descanso enquanto não vir se o Sr. Higginbotham está enforcado ou não naquela pereira!
Saltou da carroça, atou as rédeas com uma volta ao poste do portão e seguiu pelo verde caminho da propriedade, como se o próprio Diabo o perseguisse. Precisamente nesse momento, o relógio da aldeia bateu as oito horas, e a cada badalada Dominicus dava um novo salto e corria mais depressa do que antes, até que por fim descobriu a pereira fatal, solitária no centro do pomar. Um ramo grande estendia-se por cima do caminho, desde o tronco velho e retorcido, tornando esse espaço muito sombrio. Mas qualquer coisa parecia debater-se debaixo desse ramo!
O bufarinheiro nunca pretendera ter mais coragem do que a necessária a um homem pacífico, nem podia avaliar a sua coragem nesta emergência horrível. No entanto, o certo é que correu para frente, derrubou um passante irlandês com o cabo do chicote e deu com o velho e autêntico Sr. Higginbotham, não propriamente pendurado na pereira, mas tremendo debaixo dela.

- Sr. Higginbotham - disse Dominicus com voz trêmula -, o senhor é um homem honesto, e eu acreditarei na sua palavra. O senhor foi enforcado, ou não?

Se o enigma ainda não fora decifrado, poucas palavras bastaram para explicar o processo simples pelo qual este «acontecimento futuro» pôde ser predito antes de acontecer. Três homens tinham planeado o roubo e o assassínio do Sr. Higginbotham; dois deles haviam perdido a coragem, um após outro, e fugiram, retardando o crime uma noite com o seu desaparecimento; o terceiro ia precisamente perpetrar o crime quando um campeão, obedecendo cegamente à chamada do destino, tal como os heróis dos velhos romances surgiu na pessoa de Dominicus Pike.

Resta apenas dizer que o Sr. Higginbotham tomou grande afeição ao bufarinheiro, aprovou as aspirações deste à sua sobrinha e pôs todos os seus bens em nome dos filhos destes, concedendo-lhes o usufruto. No seu devido tempo, o velho senhor rematou todos os seus favores com uma cristã morte natural. Depois deste triste acontecimento, Dominicus Pike mudou-se de Kimballton e fundou uma grande fábrica de tabaco na minha terra natal.

****

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA



Nathaniel Hawthorne (1804-1864), bisneto de um dos maiores juízes de feiticeiras de Salem, na Nova Inglaterra, foi responsável por injetar decisivamente o puritanismo americano no rol de temas centrais da tradição gótica.

Em seus romances, cuja delicada escrita (dotada de um pudor que pintava até os mais insignificantes pecados como máculas formidáveis).

Sempre teve como tema em seus trabalhos a moral, conferindo-lhe ares de única salvaguarda contra a crueldade humana. Dentre suas obras, "***A Casa das Sete Torres***" (1851) é aquela que melhor assimila (e reformula) a estética gótica.

Em "***A Letra Escarlate***", Nathaniel Hawthorne faz o confronto mais íntimo no homem com a sociedade puritana é o tema do "romance psicológico" (como o autor o classificava, em um tempo em que o mundo ainda não cogitava de psicologia na literatura). É a história de três pecadores e de tudo o que decorreu de seus erros na cidade de Boston, no século XVII. Todos os personagens carregam muita dor e vivem deprimidos.

O romance "***A Letra Escarlate***", é uma mistura de alegoria e romance histórico e é considerado por muitos críticos o maior romance da literatura norte-americana. Hawthorne viveu no século XIX, situava sua ficção no passado distante e influenciou praticamente todos os escritores da sua geração.